



abertura

Quinta-feira, das 20h às 23h.
12 de novembro de 2010

exposição

12 nov. 2010 a 11 dez. 2010
Segunda a sexta das 09h às 19h.
Sábados das 09h às 13h.

PAULO DARZÉ
G A L E R I A D E A R T E

Coisas de Farnese

Para Jô Frazão, pelo nosso amor.

Ainda que não tenha recorrido aos meus textos anteriores acerca de Farnese de Andrade e, sobretudo, a seus depoimentos, os fatores que geraram meu interesse e minha afinidade com sua obra mantêm-se claros, vivos e vibram com a mesma intensidade do passado.

Como não teria muito mais a dizer e tampouco teria disposição para reescrever algumas linhas, diante do convite de meu querido amigo Paulo Darzé para resenhar essa mostra que reúne mais de trinta objetos inéditos, detenho-me a breves comentários acerca do que ora é exposto em sua bela galeria, em Salvador. Em 2007, na SP Arte, Paulo também promoveu em seu estande uma individual de Farnese, até certo ponto, um preâmbulo para a presente mostra.

Os objetos (ou *assemblages*), tema dessa exposição, podem ser considerados a segunda e última parte na trajetória de Farnese. A primeira aparição desse artista em público foi como desenhista, em 1946, em uma exposição coletiva com os ex-alunos de Alberto da Veiga Guignard, na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro. Seu primeiro objeto foi exposto em 1966, na exposição individual *Montagens e desenhos*, na Petite Gallerie (RJ), com curadoria de Jayme Maurício. Todavia, o artista somente viria a ser identificado com esse segmento de sua produção, a partir de 1976, após duas exposições homônimas: Objetos, na Galeria Ipanema (RJ) e na Galeria Oscar Seráfico (SP).

De 1946 a 1966, Farnese conquistou todos os louros possíveis, como desenhista, gravador, pintor e ilustrador. Esse ritmo continuaria entre os anos 1966 e 1976, década que marcaria a transição da segunda para a terceira dimensão, uma gestação de dez anos daquilo que viria a dominar os últimos vinte anos de sua vida e produção.

Como conclusão, poder-se-ia dizer que em seus cinquenta anos de trabalho, os primeiros vinte foram no universo bidimensional, os dez anos seguintes entre o bidimensional e o tridimensional e os últimos vinte exclusivamente no tridimensional. Os dez anos intermediários, talvez os mais ricos e intrincados, são os menos conhecidos dado o fato de o artista tê-los passado entre a Europa [Itália e Espanha] e o Brasil.

Há, portanto, um vasto universo que antecede esta exposição. E, a cada ano, entendo mais seus elos. Infelizmente, não conseguimos reunir um grupo contundente de desenhos e gravuras – razão de sua ausência.

Coisas de porta-coisa

Entre 1959 e 1961, Farnese estudou gravura em metal sob os auspícios dos mestres Johnny Friedlander e Rossini Perez, na escola do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Na ocasião, o uso e a justaposição de elementos textuais, como um pedaço de pneu automotivo, teria instigado o artista a experimentos mais ousados e à busca de outras “coisas”, todas encontradas na recém-aterrada praia do Flamengo, sede definitiva do MAM e grande fonte de inspiração às obras produzidas pelo artista a partir dessa ocasião. Uma vez exaurida tal fonte, iniciam-se suas infinitas incursões e visitas a antiquários, feiras de antiguidades e lixões de onde quer que ele estivesse, mas mais especificamente Barcelona e Rio de Janeiro, suas duas cidades de preferência. Julgo ser esse o momento embrionário dos objetos, cuja produção sistemática seria iniciada no futuro próximo.

É difícil a subdivisão ou a classificação dos objetos executados por Farnese em função da grande variante das datações atribuídas por ele. Há obras que levaram dez, até doze anos para serem consideradas prontas. Ao rastreamos suas fotografias, vemos um dado fragmento em uma obra, ora em outra, mas o espírito que o guia é evidentemente o mesmo. Se é um Farnese ou não fica por conta da composição ou de seus aspectos formalistas, que aliás pouco lhe interessava.

Até meados dos anos 1980, os objetos de Farnese eram grosso modo classificados como “barrocos” ou “geométricos”. Esses adjetivos, porém, ficam distante da intenção do artista, pois se detêm aos fragmentos usados na execução de um dado objeto ou nos aspectos superficialmente geométricos de algumas obras. Penso que seja mais prudente vê-los como objetos e abordá-los individualmente, como uma entidade única, o que é uma das poucas verdades.

Há duas características elementares nos objetos de Farnese: eles são abertos ou fechados, circulares ou frontais. Os trabalhos ditos abertos e circulares, embora sejam executados da mesma maneira, ou seja, sem o talhe, aproximam mais o escultórico aos objetos, como nas obras *Sem título* (1995), *Homenagem a Morandi* (1996) e *Homenagem a Brancusi* (1978-96). Essas obras são regidas por interesses outros do artista. Há um apelo fortemente estético, quase abstrato, sem o surreal. Observando-se suas datas de términos: 1995 e 1996 e considerando-se que o desenlace do artista ocorreu neste último. Não seria impertinente chamá-las de produção tardia. Vejo nessas obras o caminho para o qual Farnese teria se enveredado caso a morte não tivesse interrompido sua atuação, pois o artista trabalhou até os últimos dias. Por isso, dentro desse conjunto, elas não sejam prontamente identificadas como sendo de sua autoria. Já os trabalhos ditos fechados – exceto algumas poucas caixas de vidros e relógios – são exclusivamente frontais, frequentemente feitos para serem pendurados ou postos contra a parede.

Farnese iniciou seus objetos com os *boxes forms*, mas alega que não estava ciente dessa prática, menos ainda dessa terminologia. *A grande alegria*, (1966-78), era considerada por ele sua primeira obra “pronta”. O boneco com olhos de vidro é certamente algo a ser evidenciado. Suas mãos abertas demonstram alegria, mas todo o seu entorno causa tremendo desconforto. Afora a colisão do título com o objeto, não há movimento. Essa obra foi originalmente feita com a justaposição de tábuas que foram inseridas na caixa onde ora se encontram. Se o vidro foi uma terceira adição, fica em aberto. Não seria imprudente afirmar que a caixa também emoldura e enaltece a figura central nela contida. Farnese, além de esteta, era informalmente um grande decorador, portanto não temeria embelezar um lixo ou dar vida a algo morto, inanimado. Penso que aí reste um dos aspectos mais importantes de sua obra.

É comum encontrarmos em halls de hotéis e grandes escritórios de luxo uma mesa redonda (sempre em mogno e com tampo de mármore) sob um vaso (sempre uma urna oriental) com arranjos grandes, ricos, coloridos, vivos, mas artificiais. Frequentemente esquecemos que estamos diante de um vaso de flores vivas e naturais, pois elas são coisificadas pela própria condição a que foram submetidas. Ao unir fragmentos, objetos e coisas, para que dessa união nasçam outros objetos, coisas e obras de arte, Farnese estaria percorrendo a trajetória inversa a acima proposta. Em verdade, ele estaria descoisificando as coisas, atribuindo-as vida (mas não forma) ao lhes conferir dignidade e relevância.

Há um outro aspecto também a ser contemplado nessa união de coisas: ao justapor o guidão de uma bicicleta sobre o seu assento na obra *Bull's Head* (1943), Picasso obtém a representação de um búfalo ou algo dessa sorte. O mesmo poderia ser dito, por exemplo, sobre uma colagem do norte-americano Richard Hamilton. Na obra de Farnese, todavia, essa união nos leva a algo intangível, em que há narrativa, mas não há ação e onde há representação, mas não há teatralidade. Em alguns casos, ela demonstra interesse em transformar a representação em abstração sem os recursos abstratos: como Georg Bazelitz, a partir de um certo momento, Farnese começa a inserir em suas obras fragmentos, fotografias e afins de ponta-cabeça. Em alguns objetos, essa inversão causa tremendo desconforto ou representa certo caos, como em *São Sebastião* (s/d, coleção particular). Em outras, ela alcança um aspecto absolutamente formalista e proto-abstrato, como *Sem título* (leiteiras, s/d) e *Sem título* (caixas e molduras caindo, 1985).

Partindo das *boxes forms*, é plausível e coerente que Farnese tenha ido em busca de outras formas de caixas, contêineres e “recipientes” como os oratórios, caixas de souvenirs, caixas de madeira, caixas de relógio, canoas, gamelas, coxos etc. Ora

essas caixas parecem suportes, ora elas se amalgamam ao seu conteúdo de tal forma a perderem sua própria condição de recipiente. Isso é mais evidente, sobretudo, mas nem sempre, quando o conteúdo ultrapassa os limites físicos impostos pelo que contém, como nas obras *Natureza morta* (1989), *Sem título* (1985), *Francisco II* (1981), *Natureza morta* (1982-85-92) e *Autorretrato (to be or not to be)* (1981). Nessa última, como exemplo, a foto pálida, quase patética do artista é emoldurada em círculo. Flores, uma caveira e o fragmento da cabeça de um anjo simbolizam a morte. O fragmento do entalhe que cobre a parte inferior da gamela desfigura-a transformando-a em uma urna.

Os oratórios e armários cujas portas foram preservadas ou caixas e potes ainda com suas tampas aproximam-se mais à vida íntima do artista. São narrativas pessoais, repletas de metáforas de cunho sexual ou da sexualidade da fé cristã. Por isso, talvez, a razão em fechá-las e abri-las. Talvez fechá-las seja um convite e desafio a abri-las, como vemos nas obras *Carga genética* (1985), *O oratório do exibicionista* (1975), *O ser e três namoradas de infância* (1986), *Sebastião* (1978-81); *Ovos* (1980) e *Anunciação* (1972-81). Na obra *O oratório do exibicionista*, por exemplo, há certo trocadilho visual. Os dois seios (ex-votos) aplicados simetricamente sobre a fotografia resinada de uma mulher nua tornam-se olhos especulativos, que confrontam, flagram face a face o espectador que ousou abrir as portas do oratório. Há humor nessa obra, há certo desafio em seu título – aspectos recorrentes na obra do artista.

Embora também de cunho autobiográfico, as caixas abertas e as placas são mais temáticas, especulativamente harmoniosas e de uma brutalidade suavizada. Os temas mais frequentes são a Anunciação, São Sebastião, São Jorge (santos respectivamente conhecidos por sua beleza e virilidade, portanto pertencentes ao universo gay), a família, o lar, a infância, o homem/ o pai, a mulher/a mãe e autorretratos. Como exemplos nessa mostra temos *O anjo anunciador* (1976), *Oxossi* (1981), *O santo e o cavalo* (1980), *Cinco pensamentos* (1978-82) e *Autorretrato (self portrait)* (1995). E, em menor escala, temas variados, composições ou protopaisagens como as obras *Grécia* (1980) e *Caçada* (1980).

Se a partir do *box forms* Farnese buscou outros suportes, como vimos acima, é provável que o vidro em *A grande alegria* tenha também gerado no artista o interesse pela transparência observado no uso recorrente de redomas, donzelas, objetos de laboratórios e, acima de tudo, as resinas, uma de suas máximas. Há no uso de vidros e resina o intuito de preservação, muitas vezes visto como o de aprisionamento. *Grosso modo*, a transparência na obra de Farnese, seja com o uso do vidro ou da resina exerce as funções de exposição, como na obra *Vimos do mar IV* (1978); suspensão, como nas obras *São Jorge e a dama* (s/d, coleção particular) e *Anunciação* (1978-83). Em todas elas há certamente a preocupação com a preservação.

Porta-coisa de coisas

Há, porém, certo antagonismo manipulado em toda essa temática. Da mesma forma que acima alego que Farnese “descoisificou coisas”, é visível que, ao elencar um alfabeto de imagens e *coisas* que representasse seus personagens e temas, o artista estaria coisificando, pasteurizando e homogeneizando a lembrança viva que habitava seus pensamentos refletida de maneira tão alucinante em sua obra.

Exceto nos autorretratos, que são exclusivamente feitos com fotos dele em diferentes épocas, ao apresentar-nos a imagem de uma dada mulher e chamá-la de mãe (*matter*) e de um dado homem e chamá-lo de pai (*patter*) ainda que hajam obras feitas com fotos verdadeiras de seus pais, muitas não são. Isso abre a questão se a referência é aos pais do artista, ao Nosso Senhor ou à Virgem Maria, a qualquer pai ou mãe ou a mera coisificação das palavras mãe e pai e seus referentes significantes, além do que elas representam no íntimo de cada indivíduo.

Exemplos com o uso de fragmentos e afins podem ser vistos na obra *Natureza morta* (1982-85-92), cuja fruta com sua polpa realçada em vermelho representa uma vagina, que por sua vez representa uma mulher, uma mãe, etc. Em contraste, a espada obviamente representa um pênis, o masculino (reforçado pelos moldes de sapatos), o viril, o pai, o homem amado, etc.

Outros elementos pertencentes ao universo farnesiano são ovos ou esferas em madeira, circunferências, miçangas, bolas de gude, etc. No universo farnesiano esses elementos representavam o sêmen, a procriação, a Anunciação, o casamento, o lar, a família, etc. Temos como exemplos as obras *Ovos* (1980), *Carga genética* (1985) e *Anunciação com pássaro* (1995).

Essas metáforas, representações e registros transitam, portanto, nos dois sentidos: na adição e na subtração do vivo e do morto, na vida e na morte.

Espero que tais comentários reforcem meus pontos de vista apresentados em textos anteriores. Para os que já conhecem a obra do artista, que gerem novas reflexões e para os que não a conhecem, que sirvam e facilitem a entrada ao fabuloso universo farnesiano.

Charles Cosac

São Paulo, 9 de setembro de 2010

Farnese's things

For Jô, with much love

Even though I have not reread my earlier texts on Farnese de Andrade, or, more importantly, his interviews, the factors that hold my interest and attract me to his work remain just as vividly clear, and vibrate with the same intensity, as they always have.

As I don't have a great deal to write, and neither do I wish to rewrite earlier lines, when invited by my dear friend Paulo Darzé to critique this exhibition of more than thirty previously unseen works, I decided to restrict myself to brief comments on what is showing at his beautiful gallery in Salvador. At the *SP Arte* in 2007, Paulo also held a solo Farnese exhibition at his stand, and this was, in a way a precursor for the current show.

The objects (or assemblages), the theme of this exhibition, may be considered the second and final part of Farnese's career. His first public appearance was in 1946 with drawings that were shown in a group exhibition with the old students of Alberto da Veiga Guignard, at the *Associação Brasileira de Imprensa* [The Brazilian Press Association], in Rio de Janeiro. His first object was exhibited in 1966, at his solo exhibition *Montagens e desenhos*, at the Petite Gallerie (RJ), curated by Jayme Maurício. However, the artist would only come to be identified with this type of work in 1976 after two homonymous exhibitions: *Objetos*, at the Galeria Ipanema (RJ) and at the Galeria Oscar Seráfico (SP).

From 1946 to 1966, Farnese won every award possible, for his drawings, and as a printer, painter and illustrator. This pace continued between 1966 and 1976; the decade that marked his transition from two to three dimensions, a ten year gestation period that was to dominate the last twenty years of his life and production.

In conclusion, one could say that in over fifty years of work, the first twenty were spent in the two-dimensional world, the following ten in-between the two and the three-dimensional world, and the last twenty years were spent exclusively in the three-dimensional. This intermediate ten year period – perhaps his richest and most intricate – is also his least well-known, due to his having spent them between Europe (Italy and Spain) and Brazil.

There is therefore a vast universe that precedes this exhibition. And, as each year goes by, I have a greater understanding of its links. Unfortunately, we were unable to bring together a comprehensive group of drawings and prints – and this is why they are missing.

Things for things

Between 1959 and 1961, Farnese studied metal engraving under the greats Johnny Friedlander and Rossini Perez, at the school of the Rio de Janeiro Museu de Arte Moderna. At the time, the use and the juxtaposition of textual elements, such as a piece of a car tyre, spurred the artist on to increasingly daring experiments and to search for other “things”, all of which could be found in the recently land-filled and created Flamengo beach, which was the final location of the MAM and a huge source of inspiration for the work the artist produced afterwards. Once this resource was drained, he began his incessant excursions and visits to the antique shops, antique markets and rubbish tips of wherever he found himself, but particularly those in Barcelona and Rio de Janeiro, his favourite cities. I consider this was the embryonic beginning of the objects, which were soon to go into systematic production.

It is difficult to subdivide or classify Farnese’s objects due to the wide variety of dates he attributed to them. There are works that took ten or even twelve years until he considered them to be completed. Looking through his photographs, we can see a particular fragment in one work, and then in another, however, the spirit that guides them is clearly the same. If it is a Farnese or not is down to the composition or its formalist aspects, neither of which much interested him.

Until the mid 1980s Farnese’s objects were generally classed as “baroque” or “geometric”. These adjectives however have little to do with the artist’s intention, as they focus on the fragments used in their construction or on the superficially geometric aspects of certain pieces. I think that it is wiser to see them as objects and to approach them individually, as unique entities, one of only a few truths.

There are two basic characteristics in Farnese’s objects: they are open or closed, circular or face-on. The works classed as open and circular, though they were executed in the same way, that is, without the form, are more sculptural, as in the pieces *Sem título* [untitled] (1995), *Homenagem a Morandi* [Tribute to Morandi] (1996) and *Homenagem a Brancusi* [Tribute to Brancusi] (1978-96). These works are governed by other interests of the artist. There is a strong aesthetic, almost abstract- even surreal appeal. If one notes the completion dates: 1995 and 1996 and consider that the artist passed away in the latter, it would not be unreasonable to label them as later works. In these pieces I see the direction which Farnese would have taken had his death not put a halt to his work; - he worked right up to the end. Perhaps this is why the works within this group cannot be immediately identified as his own. The so-called closed works however – apart from a small number of glass boxes and clocks – are exclusively face-on, often made to be hung on or leant against a wall.

Farnese started his objects with *box forms*, though he said that he was unaware of this practice, still less so of the terminology. He considered *A grande alegria* [The great joy] (1966-78) as his first “readymade” work. The doll with glass eyes is most certainly something to witness. Her open hands show joy, but her surroundings cause tremendous discomfort. Other than the collision of the title with the object, there is no movement. The piece was originally made by juxtaposing planks that were inserted in the box wherever they happened to be. Whether the glass was a further addition is unclear. It would not be inaccurate to say that the box also both frames and enthrones the central figure within it. Farnese, as well as an aesthete, was also informally a great decorator, and he was therefore unafraid of embellishing things taken from the rubbish, or of giving life to something dead and inanimate. I think that therein lays one of the most important aspects of his work.

It is common to find in lobbies of luxury hotels and large offices a round table (always in marble-topped mahogany) with a vase (always an oriental urn) filled with large, showy, colourful, vibrant, but artificial arrangements. We can often forget that we are in front of a vase of natural living flowers, as they are thingified by the very condition to which they have been subjected. By uniting fragments, objects and things, in order for other objects, things and works of art to grow and blossom, Farnese followed the reverse trajectory of that suggested above. He was actually de-thingifying things, giving them life (but not form) by giving them dignity and relevance.

There is also another aspect that one should consider in this union of things: by juxtaposing the handlebars of a bicycle over its seat in the piece *Bull’s Head* (1943), Picasso achieved the representation of a buffalo or something similar. The same could also be said of, for example, a collage by the north-American artist Richard Hamilton. In Farnese’s work however, this union leads us to something intangible, in which there is a narrative, but no action and in which there is representation, but no theatricality. In some cases, it shows a desire to transform representation into abstraction but without abstract means: similarly to Georg Baselitz, from a certain moment Farnese starts to insert fragments, photographs and suchlike into his work upside down. In some objects, this inversion causes tremendous discomfort, or represents chaos, as in *São Sebastião* [St. Sebastian] (date unknown, private collection). In others, it achieves a totally formalistic and proto-abstract appearance, like *Sem título* [Untitled] (milkmaids, date unknown) and *Sem título* [Untitled] (falling boxes and frames, 1985).

Starting from the *box forms*, it is understandable and logical that Farnese went on to search for other kinds of boxes, containers and recipients such as portable chapels, souvenir boxes, wooden boxes, clock cases, canoes, dishes, bowls etc. Sometimes these boxes appear to be supports, at other times they amalgamate with their contents in such a way that they lose their very identity as a recipient. This is particularly, though not

always, clear when the contents exceed the physical limits imposed by the container, such as in the works *Natureza morta* [Still Life](1989), *Sem título* [Untitled](1985), *Francisco II* (1981), *Natureza morta* [Still life] (1982-85-92) and *Autorretrato (to be or not to be)* [Self-portrait {to be or not to be}](1981). In the last, for example, the pale, almost pathetic photo of the artist is framed in the round. Flowers, a skull and the fragment of an angel's head symbolize death. The fragment of wood that covers the lower half of the dish disfigures it and transforms it into an urn.

The small altars and cupboards whose doors remain, or the boxes and pots that still have their lids are closer to the artist's personal life. They are personal narratives, replete with metaphors for sex and for the sexuality of the Christian faith. This is perhaps the reason for closing and opening them. Perhaps closing them is an invitation and a challenge to open them, as we see in the works *Carga genética* [Genetic load](1985), *O oratório do exibicionista* [The exhibitionist's altar](1975), *O ser e três namoradas de infância* [The being and three childhood girlfriends](1986), *Sebastião* (1978-81); *Ovos* [Eggs](1980) and *Anunciação* [Annunciation](1972-81). In the piece *O oratório do exibicionista*, for example, there is a type of visual pun. The two breasts (icons) applied symmetrically to the resin covered photograph of a naked woman turn into speculative eyes that directly confront and challenge a spectator who dares to open the doors of the altar. There is humour in this piece, and a challenge in its title – both are recurring themes in the artist's work.

Although they are also autobiographical in nature, the open boxes and placards are more thematic, more speculatively harmonious and can have a gentle brutality. The most common themes are the Annunciation, St. Sebastian and St. George (saints known respectively for their beauty and virility, as well as for their roles in the gay world), the family, the home, man/father, woman/mother and self-portraits. Examples in this exhibition are *O anjo anunciador* [The angel of the annunciation] (1976), *Oxossi* [Oxossi](1981), *O santo e o cavalo* [The Saint and the horse](1980), *Cinco pensamentos* [Five thoughts](1978-82) and *Autorretrato (self portrait)* (1995). On a smaller scale, there are other themes, compositions or protagonists such as the pieces *Grécia* [Greece] (1980) and *Caçada* [Hunt](1980).

While, as we have just seen, from the box forms onwards Farnese sought out other supports, it is probable that the glass in *A grande alegria* also generated the artist's interest in transparency that is noticeable in his recurring use of glass domes, covers, laboratory objects and, particularly resins, one of his maxims. In his use of glass and resin there is the sense of preservation that is often seen as imprisonment. In general, the transparency in Farnese's work, whether through the use of glass or of resin fulfil the functions of exhibition, as in the work *Vemos do mar IV* [We came from the sea IV] (1978); suspension, and in the works *São Jorge e a dama* [St. George and the maiden] (no date, private collection) and *Anunciação* (1978-83). In all of these there is a clear concern for preservation.

Holdall of things

There is however a certain antagonism manipulated throughout these themes. In the same way that I earlier alleged that Farnese “de-thingified things”, it is also clear that, by electing an alphabet of images and things that represents his characters and themes, the artist is thingifying, pasteurizing and homogenizing the living memory that inhabited his thoughts and is reflected in such an hallucinatory manner in his work.

As well as the self-portraits, that are exclusively made up of photos of him from different periods, he presents us with the image of a given woman whom he calls mother (*matter*) and a given man whom he calls father (*patter*), even though there are also works that include photos of his real parents, there are many that are not. This raises the question of if the reference is to the artist's parents, to Our Lord or to the Virgin Mary, to any father or mother, or if it is merely thingifying the words mother and father and their irrelevant signifiers, in addition to what it is that they represent for each individual.

Examples with the use of fragments and bits of things can be seen in the piece *Natureza morta* [Still life] (1982-85-92], where the fruit with its pulp emphasized in red represents a vagina, which in turn represents a woman, a mother etc. In contrast, the sword obviously represents a penis, the masculine (reinforced by the shoe trees), virility, the father, the loved patriarch, etc.

Other elements that belong to the Farnesian world are eggs or spheres of wood, circumferences, beads, marbles, etc. In this world these elements represent semen, procreation, the annunciation, marriage, home, family etc. Examples of this are seen in the works *Ovos* [Eggs] (1980), *Carga genética* [Genetic load] (1985) and *Anunciação com pássaro* [Annunciation with bird] (1995).

These metaphors, representations and records work in two senses: in the addition and the subtraction of the living and the dead, in life and in death.

I hope that these comments will expand upon my points of view presented in earlier texts. For those who are already familiar with the artist's work, I hope that they suggest new paths for reflection and for those who are not, that they facilitate entry into the fabulous world of Farnese.

Charles Cosac

São Paulo, 9th September 2010



obras

Sem título, 1995.
Assemblage: cadeira e prensa.
68,5 x 42 x 44 cm.





Sem título, 1995.

Assemblage: fragmento de madeira, cadeira e placa de madeira.
84 x 60 x 58,5 cm.





Homenagem a Morandi, 1995.
Assemblage: objetos de madeira, tabuleiro e coluna.
126 x 30,7 x 30 cm.



Homenagem a Brancusi, 1978-96.
Assemblage: Ex-voto [joelho] e placa de madeira.
42 x 31 x 55 cm.



A grande alegria, 1966/78.

Assemblage: bolas de gude, fragmento de boneca, fragmento de adorno,
tábuas de madeira e caixa pintada com tampo de vidro.
70 x 70 x 15 cm, col. Particular.





Sem título, s/d.
Assemblage: leiteiras e caixa de madeira pintada.
43,8 x 64 x 20 cm.



Ecce homo - Jogador de futebol, 1983/84.
Assemblage: boneco de madeira popular, foto resinada e caixa de madeira pintada.
55 x 30 x 8 cm.



Sem título, 1985.
 Assemblage: caixas e moldura de madeira.
 120 x 117 x 72 cm.





Natureza morta, 1989.
Assemblage: molde de sapato e caixa pintada de relógio de parede.
52 x 33 x 13 cm.



Francisco II, 1981.
 Assemblage: tronco de árvore, pássaros de madeira, ex-voto [cabeça] e gamela.
 62 x 37 x 28 cm.



O amor, 1980-83.

Assemblage: ex-votos [coração e cabeça], placa de sinalização,
palheta pintada, resina e placas de madeira.
75 x 49 x 16 cm.



Sem Título, s/d.

Assemblage: ex-voto [cabeça], imagem barroca de São Sebastião e coxo pintado.

75 x 27 x 19,5 cm, col. Particular.



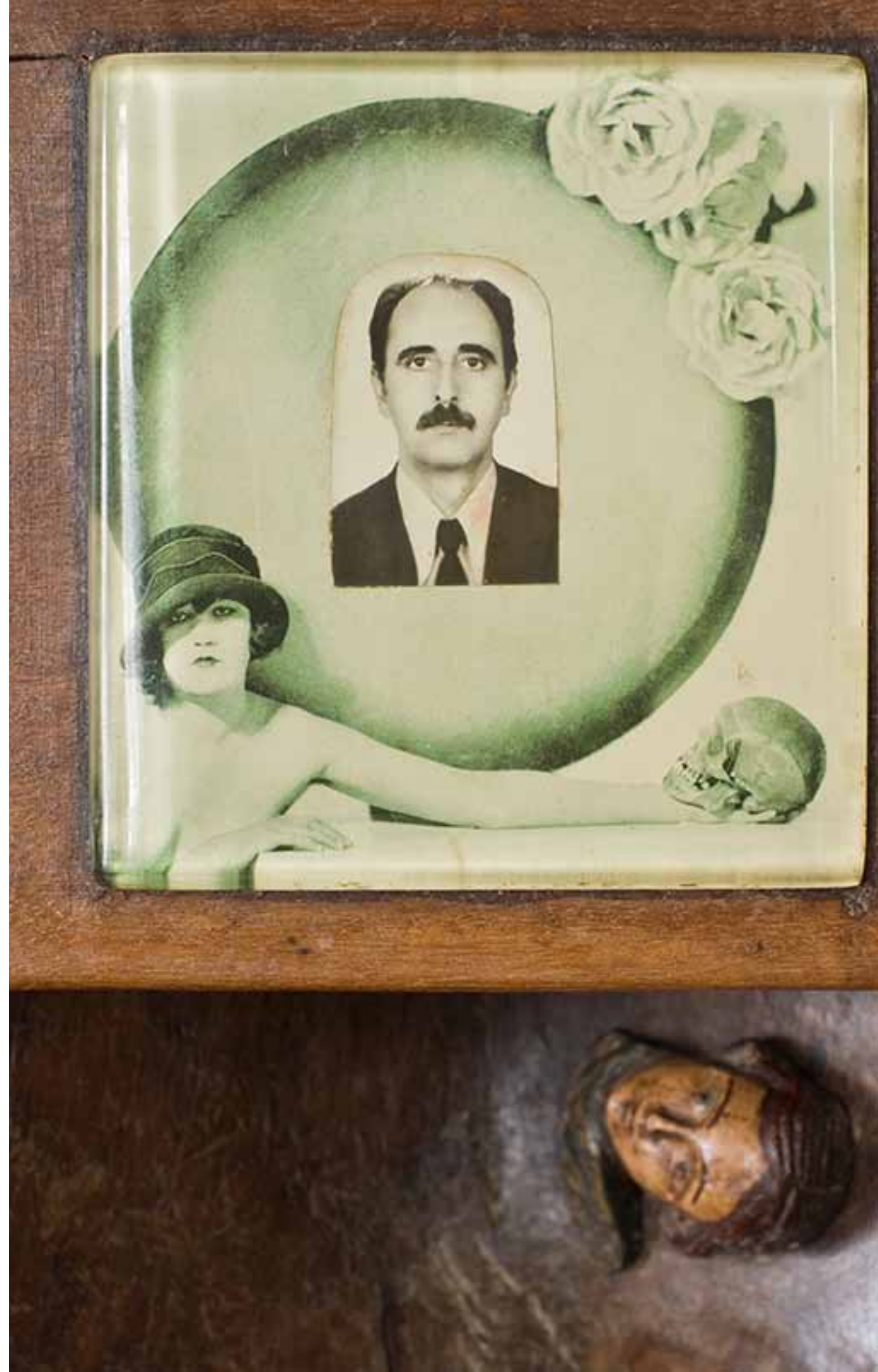
Natureza morta, 1982-85-92.
Assemblage: dois moldes de sapato em madeira, fruta e
caixa de madeira parcialmente pintadas e espada.
80 x 37 x 20 cm.



Auto retrato, 1981.

Assemblage: colagem resinada com foto do artista, fragmento de cabeça de anjo barroco, fragmento de adorno, tábua de madeira e gamela.

36 x 26 x 412 cm.





O casamento, 1972-78.
 Assemblage: composição resinada e bloco de madeira.
 31 x 24 x 8 cm.



Sem Título, 1986.

Assemblage: colagem resina e placa de madeira.
25 x 20 cm.

Ninho, 1980.

Assemblage: ovo de madeira, fragmento de tronco de árvore,
resina e oratório rústico.

45 x 24 x 9 cm.



Narciso, 1976.
Assemblage: ex-voto [cabeça], fragmentos e placa de madeira.
60 x 19 x 12 cm.





Carga genética, 1985.
 Assemblage: foto resinada de noivos, fragmentos de cabeças de
 anjos barrocos, resina, tábua de madeira e oratório.
 77 x 38 x 20 cm.





O lar, 1980.
Assemblage: ovos de costura em madeira, colher de marfim com
cabo de prata, foto resinada, cumbuca popular, fragmentos de
espingarda, tábuas e ferramentas de madeira e oratório.
106 x 65 x 31 cm.



O oratório da exibicionista, 1975.
Assemblage: ex-votos [seios], foto resinada, tábua de cortar e oratório.
63 x 32 x 15 cm.



O ser e três namoradas de infância, 1986.
 Assemblage: ex-voto [busto], foto resinada, caixa de madeira marchetada
 e moldura de espelho com foto.
 8,5 x 19,5 x 13,5 cm.



Sebastião, 1978-81.
Assemblage: fragmento de ferramenta em madeira, imagem popular
de São Sebastião, parafusos, oratório e ex-voto [cabeça].
86 x 51 x 16 cm.



***Plexo solar*, 1987.**

Assemblage: composição resinada de foto e pedras, fragmento de santo barroco sem policromia, instrumento de tortura em ferro e oratório.
68 x 36 x 20 cm.



Ovos, 1980.
Assemblage: farinha e ovos de costura em madeira.
30 x 30 x 17 cm.



Detalhe da obra.
Anunciação, 1972-81.



Anunciação, 1972-81.

Assemblage: ex-voto [cabeça], torno, ornatos, fragmento de madeira com pintura, bebes de plásticos incinerados, fragmento de santa de roca e oratório.
81 x 54 x 36 cm.







O anjo anunciador, 1976.

Assemblage: fragmento de cabeça de anjo sem policromia, ex-votos [seios], gamela, cumbucas e fragmento arquitetônico policromado.
68 x 36 x 20 cm.



Oxossi, 1981.

Assemblage: cabeça de cavalo-de-brinquedo,
machado de madeira e oratório pintado.

80 x 40 x 17 cm.

Detalhe da obra.
O santo e a mão, 1980.





O santo e a mão, 1980.

Assemblage: imagem de São Jorge, ex-voto [mão],
fragmentos de madeira policromada e gamela.
70 x 42 x 20 cm.



Cinco pensamentos, 1978-82.

Assemblage: cinco fotos sob esfera de cristal, ex-voto [cabeça] e gamela.
128 x 30 x 17 cm.



Auto retrato (self portrait), 1995.

Assemblage: foto resinada do artista enquanto criança,
fechadura e tábua de madeira marchetada.

43 x 29 x 7 cm.



Grécia, 1980.

Assemblage: fragmento de tronco, gamela carcomida,
concha e caixa pintada.

55 x 75 x 34 cm.



Natureza morta, 1980.

Assemblage: fragmentos diversos de madeira, placa de metal,
resina oval, maçaneta e placa de madeira.

50 x 35 x 12 cm.





***Caçada*, 1980.**

Assemblage: alto relevo vitoriano, esferas de cristal, patos de madeira, porta-peso, ovo de costura de madeira pintado, esfera de madeira e caixa compartimentada. 84 x 464 x 23 cm.



Vimos do mar IV, 1978.
Assemblage: lanterna de latão e resina.
25 x 10 x 10 cm.

São Jorge e a dama, s/d.
Composição resinada.
28 x 22 x 8 cm, col. Particular.



Sem título, s/d.
Resina.
12 x 12 x 8 cm.



T. Anunciação, 1978-83.
Composição resinada.
35 x 14 x 9 cm.





Anunciação e um pássaro, 1995.

Assemblage: ex-voto [corpo], pássaro em metal, fragmento arquitetônico, resina, porta-tinteiro com miçangas, fragmento de cabeça de porcelana, redomas de vidro e madeira pintada.
53 x 48 x 23 cm.





Farnese de Andrade

Cronologia

Cronologia

- 1926** Nasce Farnese de Andrade Neto, no dia 26 de janeiro, em Araguari, Minas Gerais. Filho de Atabalipa e Maria de Andrade, Farnese foi o sexto de oito irmãos. Em 1924, o casal perdera dois filhos, João e Emanuel, afogados durante uma enchente.
- 1933** Cursa o primário no Grupo Escolar Raul Soares.
- 1938** Inicia o ginásio na Escola Regina Pacis.
- 1940** Os pais se separam. A mãe muda-se com as filhas para Belo Horizonte e o pai permanece em Araguari com os filhos.
- 1942** Termina o ginásio e vai morar com a mãe em Belo Horizonte para continuar os estudos, mas abandona a escola antes de concluir o clássico.
- 1944** Começa a trabalhar no Serviço de Meteorologia da Panair. Aposenta-se no ano seguinte, após ter contraído tuberculose.
- 1945** Estuda desenho com Alberto da Veiga Guignard, na Escola do Parque, em Belo Horizonte.
- 1946** Primeira exposição coletiva, Associação Brasileira de Imprensa, RJ.
- 1947** Começa a trabalhar nos Correios e Telégrafos como postalista.
- 1948** Conclui o curso de desenho na Escola do Parque. Vai a trabalho para o Rio de Janeiro e descobre que ainda não está curado da tuberculose. Fica quase dois anos internado no sanatório, em Correias, RJ. Dona Mariquinha muda-se para o Rio para acompanhar o tratamento do filho.
- 1949** Cura-se definitivamente da tuberculose e passa a viver com a mãe no bairro do Flamengo.
- 1950** Faz ilustrações para jornais e revistas, como *Rio Magazine*, *Sombra*, *O Cruzeiro*, *Manchete* e *Revista Branca*, destacando-se o Suplemento Literário do *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã* e *Jornal de Letras*. Ilustra também diversos livros. Primeira individual dos desenhos, Galeria Le Connaissance, RJ.
- 1952** Expõe no I Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Saúde, RJ.
- 1959** Estuda gravura em metal com Johnny Friedlander e Rossini Perez no ateliê do Museu de Arte Moderna, RJ.
- 1960** Participa do I Salão de Artes Plásticas promovido pela Galeria Ibeu, RJ.
- 1961** Expõe na VI Bienal de São Paulo, Museu de Arte Moderna. Participa do X Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, RJ. Prêmio “Aquisição”, XVIII Salão Paranaense de Belas-Artes, Curitiba, PR. Segundo prêmio na categoria gravura, XVI Salão Municipal de Belas-Artes, Belo Horizonte.
- 1962** Certificado de “Isenção de Júri”, XI Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, RJ. Prêmio “Aquisição”, categoria gravura, XVII Salão Municipal de Belas-Artes, Belo Horizonte. Menção Honrosa, Primer Concurso Latinoamericano de Grabado Casa de Las Americas, Havana, Cuba. Participa da III Biennale Internazionale di Scultura, Carrara, Itália. XIX Salão Paranaense de Belas-Artes, Curitiba, PR. Exposição coletiva: *Dois gravadores mineiros – Farnese de Andrade / Marília Rodrigues*. Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- 1963** Menção Honrosa, II Concurso Latinoamericano de Grabado. Casa de Las Americas, Havana, Cuba. Participa da VII Bienal de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo. I Bienal Americana de Grabado, Museo de Arte Contemporâneo, Santiago, Chile. Certificado de “Isenção de Júri”, XII Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, RJ. Exposição coletiva: *Arte de America y España*. Instituto de Cultura Hispánica, Madri, seguindo para Barcelona, Paris, Munique e Bruxelas.

Exposição coletiva: *Brazilian Contemporary Artists*. Nigerian Museum, Lagos.
Exposição coletiva: *O nu como tema*. Galeria Ibeu, RJ.
Cria o primeiro objeto.
Participa da Fourth International Biennial Exhibition of Prints, Tóquio, Japão.
Certificado de “Isenção de Júri”, XIII Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, RJ.
Exposição coletiva: *O rosto e a obra*. Galeria Ibeu, RJ.

- 1965** Faz a série de desenhos “Eróticos” e inicia os “Obsessivos”. Participa da VIII Bienal de São Paulo. Certificado de “Isenção de Júri”, XIV Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, RJ. Exposição coletiva: *Brazilian Art Today*. Londres, Viena e Bonn. Exposição coletiva: *Brasilianische Kunst Heute*. Museum für Angewandte Kunst, Viena, Áustria. Exposição coletiva: *Original Prints Numbered and Signed by Brazilian Artists*. Brazilian American Cultural Institute, Washington, EUA. Exposição coletiva: *Desenhos*. Petite Galerie, RJ.

- 1966** 1º Prêmio na categoria desenho, III Salão de Arte Moderna do Distrito Federal, Brasília. Prêmio “Franco Terranova”, categoria desenho, IV Resumo de Arte do Jornal do Brasil, RJ. Participa da II Bienal Americana de Grabado, Santiago, Chile. Certificado de “Isenção de Júri”, XV Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, RJ. Exposição individual: *Figuras*. Galeria Cantú, RJ. Exposição individual: *Montagens e desenhos*. Petite Galerie, RJ. Exposição coletiva: *Artistas Brasileños Contemporáneos*. Museo de Arte Moderna, Buenos Aires, Argentina. Exposição coletiva: *Tres Grabadores Brasileños*. Galeria Spilimbergo, Mendoza, Argentina. Exposição coletiva: *Artistas brasileiros*. Universidade de Cornell, Nova York, seguindo depois para Washington, EUA. Exposição coletiva: *Brazilian Prints Show*. Kaigado Galerie Arai, Tóquio, Japão. Exposição coletiva: *O rosto e a obra*. Galeria Casa Holanda, Recife, PE. Começa a trabalhar com resina de poliéster. IX Bienal de São Paulo, ocasião em que recebe o prêmio “Galeria Astréia” do Júri Internacional por desenho em preto-e-branco. Na mesma exposição, é laureado com o prêmio “Aquisição Itamaraty”. 1º prêmio, I Salão de Ouro Preto – Desenho Brasileiro, MG. Recebe o prêmio “Aquisição” no V Resumo de Arte do Jornal do Brasil, RJ. Certificado de “Isenção de Júri”, XVI Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, RJ. Prêmio “Aquisição”, Concurso de Caixas da Petite Galerie, RJ. Exposição coletiva: *Panorama atual da arte brasileira*. Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Exposição coletiva: I Exposição de Artes Plásticas. Hotel Glória, RJ. Participa com desenhos do filme *Fome de amor*, de Nelson Pereira dos Santos, RJ.

- 1968** Participa da XXXIV Biennale di Venezia, Itália. VII Festival de Arte, Cali, Colômbia. Selecionado para a categoria desenho, II Bienal Nacional de Artes Plásticas, Salvador. Exposição individual: *Figuras*. Galeria Ranulfo, Recife, PE. Exposição coletiva: *Anna Letycia e Farnese de Andrade – Dois brasileiros em Veneza*. Piccola Galleria, Istituto Italiano di Cultura, RJ.

- 1969** Prêmio “Viagem ao país” e certificado de “Isenção de Júri”, XVIII Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, RJ. Participa da X Bienal de São Paulo. Exposição coletiva: *Panorama atual da arte brasileira*. Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Exposição coletiva: *Gravadores brasileiros*. ArtGallery–Centerfor Inter-American Relations, Nova York, EUA. Participa do VII Resumo de Arte do Jornal do Brasil, Museu de Arte Moderna do RJ.

- 1970** Prêmio “Viagem ao estrangeiro”, certificado de “Isenção de Júri”, XIX Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, RJ. Exposição coletiva: *Brazilian Artists – Fourteen Paintings*. Iramar Gallery, Nova York, EUA. Exposição individual: *Figuras*. Copacabana Palace, RJ. Realizado o curta-metragem *Farnese – Caixas, montagens, objetos*, de Olívio Tavares de Araújo.

1971 Exposição individual: *Figuras*. Galeria Ipanema, RJ.
 Selecionado para o X Resumo de Arte do Jornal do Brasil, a se realizar no ano seguinte.
 Exposição individual: *Figuras*. Galeria Mayline, Brasília, DF.
 Exposição individual. Galeria Marte, RJ.
 Inicia o uso de gamelas.
 Farnese, contemplado com o prêmio “Viagem ao estrangeiro”, vai à Europa. Reside em Roma e depois em Barcelona, onde permanece até 1975.
 Exposição coletiva: *Arte Brasil hoje – 50 anos depois*. Galeria Collectio, SP.
 Expõe no X Resumo de Arte do Jornal do Brasil, Museu de Arte Moderna, RJ.

1973 Exposição individual: *Farnese de Andrade, Pintor Brasileiro*. Sala Gaudí, Barcelona, Espanha.
 Exposição coletiva: *Pintores Latinoamericanos en Homenaje a Torres García*. Sala Gaudí, Barcelona, Espanha.
 Faz a série “Barcelona”, pintura a guache sobre aglomerado de madeira.
 Volta ao Brasil para uma curta temporada no Rio de Janeiro.

1974 Exposição individual: *Desenhos*. Ponto das Artes, RJ.
 Retorna para Barcelona.

1975 Volta a residir definitivamente no Rio de Janeiro.
 Exposição individual: *Figuras*. Instituto dos Arquitetos do Brasil, Porto Alegre, RS.
 Exposição coletiva: *Panorama atual da arte brasileira – escultura / objeto*. Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.

1976 Exposição individual: *Objetos*. Galeria Ipanema, RJ e SP.
 Exposição individual: *Figuras e objetos*. Galeria Oscar Seraphico, Brasília, DF.

1977 Exposição individual: *Figuras*. Galeria Trevo, RJ.
 Exposição individual. Galeria de Arte Arumã, Ribeirão Preto, SP.
 Exposição coletiva: *O objetivo da arte brasileira*. Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo.

1978 Participa da I Bienal Pan-Americana, Sala Especial, Fundação Bienal de São Paulo.
 Exposição individual: *Objetos*. Galeria de Arte Ipanema, RJ.
 Exposição individual: *Objetos*. Galeria Cristina Faria de Paula, SP.
 Exposição coletiva: *Dez anos com arte*. Galeria Ranulfo, Recife, PE.
 Exposição coletiva: *Situações da figura humana*. Copacabana Palace, RJ.
 Exposição coletiva: *Objeto na arte – Brasil anos 60*. Fundação Armando Álvares Penteado, SP.
 Exposição coletiva: *Destaques 78. Jornal do Commercio*. Petite Galerie, RJ.

1979 Exposição individual: *Figuras e objetos*. Galeria Capela, Juiz de Fora, MG.
 Exposição Coletiva Itinerante de Artistas Brasileiros. Hotel Méridien, Salão Elysee, RJ.

1980 Exposição individual: *Objetos de Farnese em Sala Especial*. Bolsa de Arte, Porto Alegre, RS.
 Exposição individual. Galeria Momento Arte, Curitiba, PR.
 Exposição: Coletiva de Outono. Galeria Delphus, Porto Alegre, RS.
 Exposição coletiva: *A obra de arte de pequeno tamanho*. Instituto dos Arquitetos do Brasil, Porto Alegre, RS.

1981 Exposição individual: *Figuras de Farnese*. J. S. Atelier de Artes, Belo Horizonte, MG.

1983 Exposição coletiva: Arte Moderna no Salão Nacional – 1940 a 1982. VI Salão Nacional de Artes Plásticas, Sala Especial, Funarte, RJ.

1984 Exposição individual: *Farnese – mulheres e naturezas-mortas*. Galeria Guignard, Belo Horizonte, MG.
 Exposição coletiva: *Madeira como matéria de arte*. Museu de Arte Moderna-RJ.
 Exposição coletiva: *Tradição e ruptura*. Fundação Bienal de São Paulo e Museu de Arte Moderna-RJ.
 Exposição coletiva: *Retrato e auto-retrato da arte brasileira*, coleção Gilberto Chateaubriand. Museu de Arte Moderna de São Paulo.

1985 Em busca de um ateliê mais amplo, muda-se para um sobrado no bairro do Rio Comprido, RJ.
 Exposição individual: *Objetos*. Galeria de Arte São Paulo.
 Exposição coletiva: *Panorama da arte atual brasileira – formas tridimensionais*. Museu de Arte Moderna de São Paulo.
 Exposição coletiva: *Brasilidade e independência*. Foyer do Teatro Nacional de Brasília, DF.
 Exposição coletiva: *25 anos da Galeria Ibeu Copacabana*, 1960-1985. RJ.
 Exposição coletiva: *Destaques da arte contemporânea brasileira*. Museu de Arte Moderna de São Paulo.

1986 Exposição individual: *Objetos*. Cambona Centro de Arte, Porto Alegre, RS.
 Exposição individual: *Objetos e esculturas*. Galeria Anna Maria Niemeyer, RJ.

1987 Exposição individual: *Figuras*. Vanoni Arte Design, Porto Alegre, RS.
 Exposição individual. Galeria Momento Arte, Curitiba, PR.
 Exposição coletiva: *1a Mostra do Acervo Artístico CEF – BNH*. Caixa Econômica Federal, RJ.

1988 Exposição coletiva. Galeria do Instituto Cultural Brasil–Argentina, RJ.

1989 Exposição individual: *Gravuras*. Museu Nacional de Belas-Artes, RJ.

1990 Exposição coletiva: *Jornal do Brasil – 30 anos*. Museu de Arte Moderna-RJ.

1991 Exposição individual: *Gravuras*. Museu da Gravura, Curitiba, PR.

1992 Exposição individual: *Gravuras e objetos*. Espaço Cultural BFB – Banco Francês e Brasileiro, Porto Alegre, RS.
 Exposição individual: *Objetos*. Galeria Anna Maria Niemeyer, RJ.

1993 Prêmio Fundação Roquette Pinto: “Os Melhores de 1992”, pela exposição *Objetos*. Galeria Anna Maria Niemeyer, RJ.
 Exposição coletiva: *Direitos humanos – pintando a solução*. Museu Nacional de Belas-Artes, RJ.

1995 Participa da Configura 2. Erfurt, Alemanha. É o único artista brasileiro contemplado com uma sala individual.
 Exposição coletiva: *Rio: mistérios e fronteiras / Rio: mystères et frontières*. Museu de Arte Moderna-RJ /Musée de Pully, Pully, Suíça.
 Exposição coletiva: *Além da Taprobana*. Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa / Museu de Arte Moderna-RJ.

1996 Exposição individual. Pace Arte Galeria, Belo Horizonte, MG.
 Morre no dia 18 de julho, aos 70 anos, no Rio de Janeiro.

1997 Exposição: *A casa e a inteligência de Farnese*. Sua casa no Rio Comprido é aberta ao público.

1998 Exposição individual. Nova Galeria, São Paulo.
 Exposição coletiva: *Arte brasileira no acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Doações recentes, 1996-1998*. Museu de Arte Moderna de São Paulo / Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro.
 Exposição coletiva. Centro Cultural Banco Itaú, São Paulo.

1999 Exposição coletiva: *Cotidiano / Arte: objeto anos 60 / 90*. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Centro Cultural Banco Itaú, São Paulo.

2000 Exposição individual: *Imagens aprisionadas: a foto-objeto na obra de Farnese de Andrade*. Espaço Porto Seguro de Fotografia, São Paulo.
 Exposição coletiva: *Arte e erotismo*. Galeria Nara Roesler, São Paulo.
 Exposição coletiva: *Brasil – psicanálise & modernismo*. Museu de Arte Moderna de São Paulo.
 Exposição coletiva: *Outros 500. Highlights of Brazilian Contemporary Art in ueclaa*. The Latin American Centre at University of Essex, Inglaterra.

2002 Exposição individual: Pace Arte Galeria, Belo Horizonte.
 Exposição individual: *Farnese de Andrade*. Museu de Arte Contemporânea, Goiânia.
 Exposição individual: *Farnese de Andrade*. Espaço Cultural Contemporâneo, Brasília.
 Exposição coletiva: *Andar com fé*. SESC, Rio de Janeiro.
 Exposição coletiva: *Apropriações e coleções*. Santander Cultural, Porto Alegre.

2004 Exposição coletiva: *Memórias heterogêneas*. Centro Cultural Oduvaldo Vianna Filho, Rio de Janeiro.
 Exposição coletiva: *Estratégias Barrocas / Arte contemporâneo Brasileiro*. Centro Cultural Metropolitano. Quito, Equador.



ficha técnica

Organização

Paulo Darzé e Thaís Darzé

Curadoria

Paulo Darzé e Charles Cosac

Projeto Gráfico

nucleo-i design

Fotografia

Andrew Kemp

Revisão e Divulgação

Claudius Portugal

PAULO DARZÉ
G A L E R I A D E A R T E

Rua Chrysippo de Aguiar, 08
Corredor da Vitória - Salvador – Bahia
(71) 3267 0930 - paulodarze@terra.com.br
www.paulodarzegaleria.com.br

folha de guarda
color plus preto

